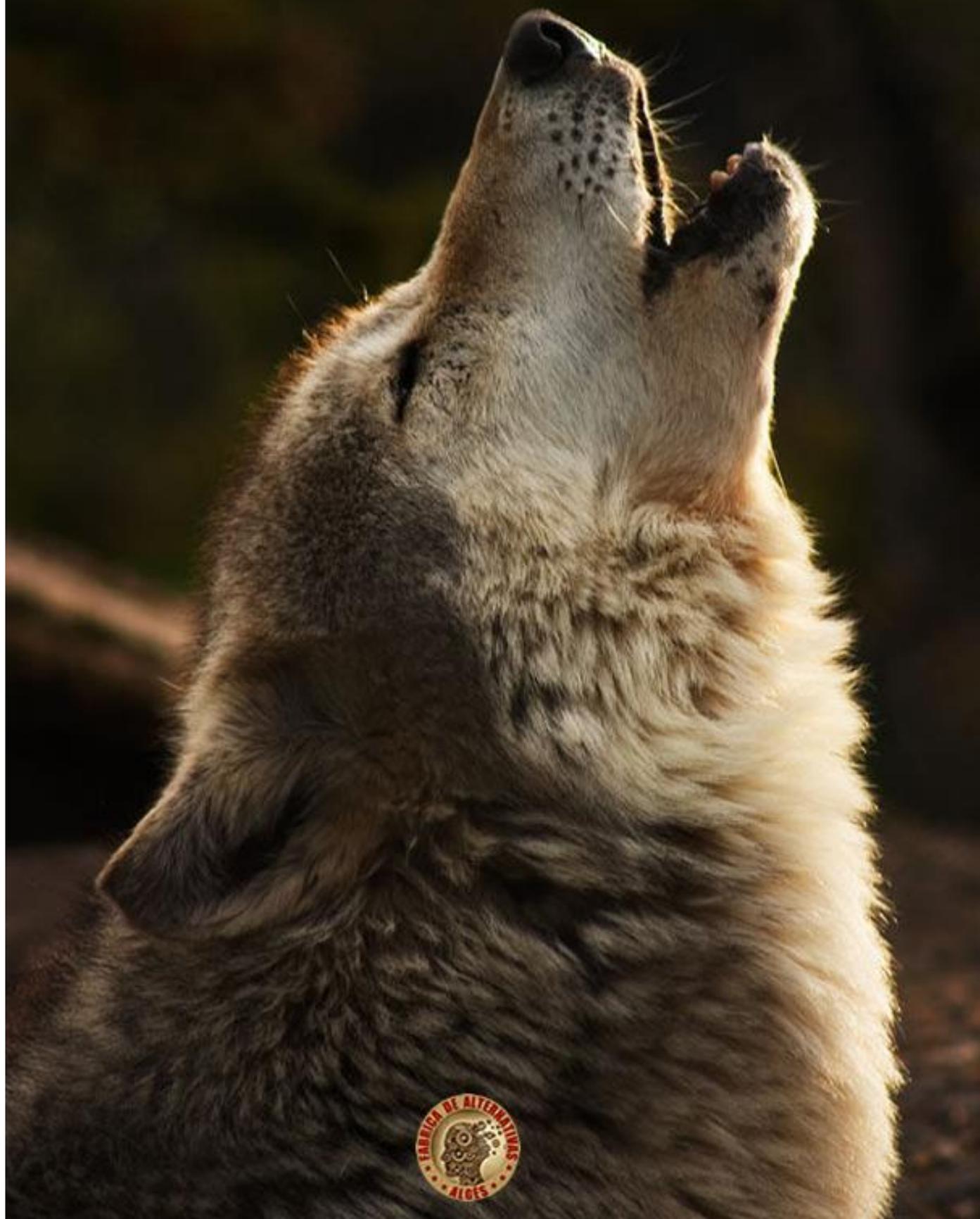


# Cadernos Selvagens

Dez 2016

Publicação da Fábrica de Alternativas



Dezembro 2016

Edição: Associação Fábrica de Alternativas

Rua Margarida Palla 19 A, 1495-143 Algés

Email: [fabrica.de.alternativas@gmail.com](mailto:fabrica.de.alternativas@gmail.com)

## Editorial:

Os Cadernos Selvagens não são propriedade de ninguém, são uma etiqueta (label) para identificar uma comunicação escrita sob forma digital ou em papel, cuja característica é a não-conformidade com a norma, a recusa de submissão a padrões ideológicos, morais, religiosos ou outros, a liberdade de crítica e de criação e o respeito absoluto pelos direitos e liberdades dos indivíduos.



Os Cadernos Selvagens são uma publicação da «Fábrica de Alternativas» de Algés. A Comunidade na forma da Assembleia da Fábrica escolheu o grupo redactorial desta publicação, composto por três pessoas, que terão de se submeter a estas linhas-guias.

## LINHAS-GUIA PARA OS CADERNOS SELVAGENS

- Será presente este texto em cada número da revista
- Cerca de um mês antes da saída de cada número será feito um apelo a participação através dos canais de comunicação à nossa disposição.
- Os conteúdos são decididos pelas pessoas que se disponibilizam a colaborar com os Cadernos Selvagens desde que os referidos conteúdos respeitem os seguintes princípios:
  - Não serão tolerados ataques pessoais,
  - Quaisquer apologias de ideias, sistemas ou credos contrários à dignidade do ser humano não serão tolerados, como sejam o racismo, xenofobia, sexismo, homofobia, etc.
- Não serão permitidos textos anónimos, todos os textos devem ter menção do nome real do/s autor/res. Quanto aos textos colectivos deverá também ser mencionado o nome do colectivo que o redigiu, ou dos seus membros.
  - O número de páginas não deverá exceder 40 no total, por edição (devido aos custos associados à edição em papel). Se o material destinado a publicação exceder esta paginação, serão escolhidos os textos a publicar, por ordem de chegada à redacção, sendo possível (com o

acordo do respectivo autor) que os textos que não couberam numa dada edição sejam conservados para a edição seguinte.

- Cada número terá um editorial da responsabilidade do colectivo de redacção, ocupando uma página, no máximo. Todos os números terão uma pequena informação sobre a «Fábrica de Alternativas» (o que é; meios de contacto; morada; horários...)
- Cada número terá uma crónica da «Vida na Fábrica de Alternativas» onde serão relatados os acontecimentos mais relevantes, como debates, iniciativas, concertos, etc. Este texto pode ser redigido, pelo comité redactorial, mas também pelos protagonistas dessas actividades, como forma de estimular o conhecimento da Fábrica de Alternativas por um lado, como treino de reportagem de qualidade e como encorajamento a participação mais activa e reflexiva dos próprios intervenientes, por outro. Essa crónica deverá ocupar um máximo de 6 páginas (texto e imagens).
- Quaisquer textos serão da exclusiva responsabilidade de quem os assina. Os Cadernos Selvagens declinam quaisquer responsabilidades sobre informações incorrectas, ou outras falhas de conteúdo, com excepção dos textos produzidos pelo próprio comité redactorial dos Cadernos.
- Cada número em papel será lançado numa pequena sessão de apresentação, onde a comunidade da Fábrica de Alternativa e seus amigos irão debater presencialmente determinados assuntos relacionados com a publicação.
- A edição online de cada número só ficará acessível algum tempo após o lançamento da edição em papel.
- Cada participante que veja editado o seu material nos Cadernos Selvagens deverá, em princípio, contribuir financeiramente para custear a mesma edição. O seu contributo será proporcional ao número de páginas em que interveio. O produto da venda de cada número, uma vez deduzida uma quantia pré-determinada para a «Fábrica de Alternativas», irá ser repartido na mesma proporção em que contribuiu.
- Quaisquer divergências que surjam, com quem publicou ou pretende publicar textos nos «Cadernos Selvagens», serão resolvidas em diálogo com o grupo redactorial. Em última instância, decide a Assembleia da Fábrica de Alternativas.

## GRUPO REDACTORIAL

Em Assembleia de Fábrica foram escolhidos para o grupo redactorial dos Cadernos Selvagens os seguintes associados:

- Manuel Baptista
- Naná Rebelo
- Élia Morgado
- João Pestana

## FÁBRICA DE ALTERNATIVAS. QUEM SOMOS.

A Associação Fábrica de Alternativas é um colectivo independente, livre e autogerido que tem como finalidade a cidadania através da participação activa dos cidadãos na vida da sua comunidade. Funcionando pelo consenso só não são aceites actividades que tenham na sua base princípios que desrespeitem a dignidade humana como sejam o racismo, xenofobia, etc.. Baseado no conceito de “Banco de Horas” (oferta de duas horas semanais ao serviço dos outros) e da partilha de saberes e conhecimentos procura-se possibilitar a todos o acesso a actividades que de outra forma lhe estariam vedadas, seja por dificuldades financeiras, morais, ideológicas ou religiosas.

Rua Margarida Palla 19 A, 1495-143 Algés

Email: [fabrica.de.alternativas@gmail.com](mailto:fabrica.de.alternativas@gmail.com)

## Actividades:

A Fábrica de Alternativas está sempre aberta realização de todas as actividades que os seus associados pretendam partilhar com os outros. As actividades organizadas pela Fábrica de Alternativas são normalmente gratuitas embora exista sempre uma caixa de donativos para quem deseje contribuir para as despesas de manutenção (renda, água, luz, gás). Nos casos das actividades propostas e produzidas por outros e onde a Fábrica de Alternativas apenas cede o espaço, pode haver custos associados mas sempre da responsabilidade de quem as organiza. No entanto, mesmo nestes casos, é solicitado ao promotor que faça o mais baixo custo possível e procurando que haja um ainda mais baixo para quem participa no Banco de horas.

A programação bem como todos os dados relativos à participação nas nossas actividades pode ser consultado na página da Fábrica de Alternativas no facebook. Quais quer dúvidas ou marcações devem ser feitas para o correio electrónico: [fabrica.de.alternativas@gmail.com](mailto:fabrica.de.alternativas@gmail.com)

Solicita-se a todos que façam as suas marcações ou informem das desistências das mesmas atempadamente de forma a não se gastarem recursos e evitar deslocações desnecessárias a quem generosamente se desloca à fábrica para partilhar o seu saber.

<b>2ªfeira</b>		
Oficina de Costura	10H00	
Chi Kung	19H30	
Danças Tradicionais Europeias	21H30	
<b>3ªfeira</b>		
Apoio Escolar	17H00	
Espanhol (Conversaço)	18H00	
Tai Chi	19H30	
Reunião de Fábrica	21H30	Quinzenal
Jogos de Mesa	21H30	Quinzenal
<b>4ªfeira</b>		
Apoio Escolar	17H00	
Alongamentos e Flexibilidade	19H30	
Meditação em grupo	20H45	
<b>5ªfeira</b>		
Apoio Escolar	17H00	
Jantar na Fábrica	20H00	
Ciclos de Cinema	21H30	
<b>6ªfeira</b>		
Constelações Familiares	18H30	
Danças	21H30	
<b>Sábado</b>		
Iniciação ao Teatro	15H00	
Actividades diversa	18H30	Consultar página facebook
Jantar na Fábrica	20H30	
Actividades diversa	21h30	Consultar página facebook
<b>Domíngo</b>		
Mercadinho Alternativo	11H00	2º Domíngo do mês
Actividades diversa		Consultar página facebook
<b>Por marcação</b>		
Massagens Relaxamento		
Massagens Terapêuticas		
Psicoterapia		
Reiki		
Tarot		
Terapia Sacro-craniana		

O Horário de abertura da Fábrica de Alternativas é o definido conforme o horário das actividades existentes em cada dia.



Quanto a actividades não regulares podemos referir as diversas oficinas como foram a Construção de Teares artesanais e tecelagem vegetal, A Cozinha é uma Farmácia e ainda a de construção de bonecos com garrafas de plástico.

Também os concertos voltaram a alegrar a fábrica com o Alexandre Garrett, a Bielorrussa Katerina L'Dokova e do Manuel Teixeira que nos veio cantar Adriano.

E, como não podia deixar de ser, não podemos deixar de referir alguns debates e tertúlias como sejam o 2º Encontro Alternativas em Rede, a apresentação da plataforma Contra o Bullying no Trabalho, o debate sobre os “25 Anos da queda da URSS” e a projecção seguida de debate do documentário “Quem Salva quem”.

Podemos ainda referir o encontro “Soluções Para a Paz!”, que terminou com o propósito de se criar um grupo de gente interessada em encontrarem soluções que possam contribuir para a paz possa ser uma realidade que substitua o clima de guerra eminente que se sente percorrer o mundo.

Outra valência encontrada para o espaço da Fábrica foi a de apresentação de novos livros. Assim, a nossa associação já foi palco para a apresentação de 3 livros:

- “O Cante Alentejano”, uma recolha feita por Clara Santana Rita (de referir que este evento ocorreu no 1º trimestre deste ano, mas achamos que deveria aqui ter uma menção);
- “Stória”, uma compilação de contos tradicionais de Cabo Verde – Ilha do Fogo, da Helena Centeio;
- “Na Minha Pele”, um livro de poemas por Naná Rebelo

Por último queremos saudar o aparecimento destes Cadernos Selvagens como publicação “oficial” da Fábrica de Alternativas.



# António Sérgio e a Educação

Por Teófilo Braga

Apesar dos tempos decorridos, a obra de António Sérgio para além de ser pouco conhecida, merece ser divulgada. Neste número dos Cadernos Selvagens damos o nosso modesto contributo para que o seu pensamento não caia no esquecimento.

## 1-O Pedagogo

“Só voltarei naturalmente a assentar arraiais em Portugal quando me puder ir dedicar à minha revolução que é, como sabe a revolução pedagógica” (António Sérgio, 1914)

Sempre que alguém mencionava o nome de Sérgio associávamos ao movimento que teve a seguir ao 25 de Abril de 1974 expansão, pois antes daquela data o mesmo incentivado, havendo casos de muitas que viram as suas portas encerradas pelo



Só muito recentemente, na sequência de temos efetuado relacionadas com o

Estado Novo. pesquisas que Movimento da Escola Moderna, nomeadamente sobre a influência de pedagogos portugueses naquele movimento, que começou por ser inspirado pelas ideias do pedagogo francês Célestin Freinet, descobrimos que António Sérgio não foi apenas um dos principais ideólogos do cooperativismo, mas também um dos mais influentes políticos, de tendência socialista (não marxista), ensaistas e pedagogos portugueses do século XX.

António cooperativista uma grande não era cooperativas Estado Novo.

pesquisas que Movimento da

António Sérgio de Sousa, natural de Damão, onde nasceu em 1883, foi na Primeira República ministro da Instrução do governo liderado por Álvaro de Castro, tendo permanecido no cargo apenas de Dezembro de 1923 a Fevereiro de 1924.

António Sérgio foi um dos intelectuais portugueses que não aceitou a chegada ao poder de Salazar, tendo, depois de ter chegado à conclusão de que o regime não era capaz de se liberalizar, defendido a sua substituição através de um golpe militar.

Antes de falecer, em Lisboa no ano de 1969, António Sérgio esteve no exílio, foi preso em 1933, 1935, 1948 e 1958, viu alguns dos seus livros serem apreendidos e foi alvo de ataques e calúnias diversas.

Antes de apresentarmos alguns excertos do autor que ilustram o seu pensamento sobre a educação e o ensino, acrescentamos que, segundo Irene Pimentel, António Sérgio divulgou em Portugal o método Montessori, criou o ensino para deficientes e o cinema educativo.

Sobre a escola do seu tempo, que não será muito diferente da de hoje, no Dicionário de Educadores Portugueses dirigido por António da Nóvoa, podemos ler a seguinte citação de António Sérgio:

“A escola, até hoje, tem sido um acervo de coisas maléficas, de tratos diabólicos, de prescrições tirânicas: e já é importantíssima reforma a simples anulação das coisas más. Grande programa: não fazer mal! A imobilidade nas aulas, os estudos sem gosto, os rígidos programas, a apreensão passiva, as angústias dos exames, etc., etc., produzem transtornos de muita espécie. Estabeleçamos a comparação: em um dos pratos da balança – os muito contestáveis benefícios que tudo isso pode trazer, no outro –, os danos sabidos que com certeza traz... Ah, imenso programa: liberdade ao aluno; não fazer mal”.

Em relação à escola desejada, António Sérgio, segundo a fonte que citámos defende que a mesma deve ter duas divisas: autonomia e trabalho. Assim, para ele “dois grandes objetivos incumbem à escola do futuro: um deles, a anulação progressiva dos antagonismos sociais, e a instauração da sociedade justa, pela Escola Única do Trabalho; o outro a realização da Liberdade na vida da gente adulta, pela educação das crianças no regime da Liberdade”.

No que diz respeito à autonomia, António Sérgio é claro ao escrever que a mesma tanto na sociedade exterior como na escola “não pode ser-nos presenteada pelos governantes; tem de ser conquistada pelos governados, pacientemente, todos os dias”.

Por último, uma referência à Educação Cívica. O autor da biografia que vimos citando refere que na defesa da autonomia por António Sérgio está subjacente a ideia de que “a autonomia e a educação cívica aprendem-se praticando, e não através de um qualquer ensino ou disciplina”. Precisamente o contrário do que se faz hoje!

## 2-A Educação

António Sérgio considerava-se um “pedagogo” que pretendia agir na mentalidade “dos que hão-de ensinar à nossa “arraia-miúda” a maneira pacífica de se libertar a si mesma, sem cair na dependência em relação a magnates, a políticos, a tribunos, que são simples instrumentos, mais ou menos conscientes, do bando de argentários que domina a Grei”

Embora a sociedade e a escola de hoje não sejam as do tempo em que viveu António Sérgio, pensamos que a primeira não deixou de ser “fortemente oligárquica” e a escola de hoje tal como a do passado “não dá cultura”. António Sérgio escreveu: “Falando em geral, o amor das ideias é bem raro aqui. A escola portuguesa não nos inspira esse amor. Muito pelo contrário: só pode incutir-nos o horror às ideias, à leitura, ao estudo”.

António Sérgio distinguia elites de oligarquias. Segundo ele, elite era uma “minoría dos melhores que estrutura uma nação, que a orienta e que a torna orgânica, que a inspira com o objetivo de se tornar dispensável, de preparar o povo para se governar por si próprio; que a norteia, em suma, não para o bem dessa minoría, mas para o benefício de todos nós, dando pois à sociedade muito mais do que dela recebe”. Por outro lado, oligarquia “é a minoría dos graúdos piores, a qual manda num país...para quê? Para sempre o sacrificar aos seus interesses.

Segundo António Sérgio, a Educação ao invés de formar elites estava a formar oligarquias, isto é “gente, pois, que recebe mais (muito mais) do que aquilo que dá”.

Hoje, quando algo corre mal na sociedade a solução encontrada é sempre sobrecarregar as escolas. A juventude toma drogas ilícitas, faz-se uma sensibilização, há muita gravidez na adolescência, toca a impingir educação sexual, há uma crise económica enfia-se um projeto sobre empreendedorismo, pretende-se pintar de verde algumas atividades governamentais e autárquicas, manda-se implementar o projeto eco-escolas, há poucos eleitores a votar, cria-se o orçamento participativo escolar, etc., etc.

Acreditam eles ou fingem acreditar que os males e a salvação estão na escola. Puro engano, que António Sérgio já havida denunciado ao falar na escola portuguesa nos seguintes termos: “A escola exprime a sociedade, dá o que lhe pedem; e ninguém lhe pede educação, mas diplomas – sendo certo, no entanto, que os que pedem diplomas para seus filhos, e só diplomas, foram educados no seu tempo pelas escolas portuguesas”.

A grande ilusão dos decisores é querer resolver os problemas através da escola quando há muita vida para além dela. António Sérgio sobre esta questão disse: “Quanto a mim parece-me que os males de que nos queixamos são fatalíssima consequência da estrutura da sociedade, - e que só portanto terão remédio se nos metermos firmemente a transformar essa estrutura, o que não é possível com pregações, nem com política de autoritarismo, nem com reformas só pedagógicas, - mas com reformas sociais e pedagógicas concatenadas, entrelaçadas como fios

de um tecido único, as quais preparem o nosso povo para o uso razoável da liberdade e para empreender por si mesmo a sua emancipação social-económica”.

Há quem ache que a educação deve servir para adaptar a criança à sociedade em que se vive. António Sérgio acha que não e escreve: “No seu papel de organizadora de atividades, a educação não tem por objeto manter a estrutura da sociedade de hoje; tem por objeto melhorá-la, revolucioná-la”.

Hoje, fala-se muito e pouco se faz em relação à autonomia da escola e dos alunos. António Sérgio também defendia “uma escola do trabalho e da autonomia, do labor profissional e da iniciativa – uma escola útil para a vida”. Segundo ele “Uma carneirada escolar dá uma carneirada administrativa, e um decorador de compêndios, um amanuense; mas se cada escola for uma cidade, um laboratório, uma oficina; se conseguirmos desloca-la do enciclopedismo para a criação – o aluno ao sair irá marcado, terá amoldado o seu espírito à iniciativa produtora e virá a ser para a sociedade uma fonte de progresso”.

Mas, para António Sérgio, a autonomia não podia ser só para e na escola. Com efeito, António Sérgio considerava que a mesma devia ser uma meta de toda a sociedade, como se pode concluir da leitura seguinte extrato: “Quanto a mim, actuo a favor do ideal democrático, é certo; mas repetindo mil vezes a afirmação do Proudhon: “democracia é demopédia, democracia é educação do povo”. É treino do operário para se governar a si mesmo através das cooperativas e dos sindicatos, da estrutura do município e da província (associação de municípios), sem necessidade de chefes ou de mandões...”



Crónica: Pensem comigo

“Nunca existiu uma verdadeira democracia, e nunca existirá”  
Jean-Jacques Rousseau

## Será que Jean Jacques Rousseau tem razão?

Por: Élia Morgado



No nosso tempo, a democracia da Grécia antiga ainda representa, para alguns, o ideal *da verdadeira democracia*, que ao seu tempo foi revolucionária, com um conselho deliberativo - uma assembleia de 500 membros, tirados à sorte todos os anos, permitindo que o governado pudesse tornar-se governante - e um tribunal popular. Mas, também é considerada por outros, “*um mito das origens*” no plano político, e que na realidade, foi um sistema político com graves “falhas” históricas: a existência da escravatura, a desigualdade de género, o facto de, apenas os cidadãos gregos e do género masculino poderem usufruir dos direitos democráticos e de exercer a *política*, ou seja, organizar a cidade, a *polis*.

Se atentarmos na palavra grega, *democracia*, constituída pelos termos *demos*, povo, e *kratos*, poder - o poder/governo do povo - talvez possamos dar razão a J.J.R., (pelo menos, no que diz respeito à primeira parte da sua frase) tendo em conta o que relata a História e o que a nossa própria experiência nos mostra.

Mas deverá a imperfeição do passado ou os insucessos do presente levarem-nos a desistir de aspirarmos à concretização universal de princípios democráticos, como aqueles, que defendem para cada um, o máximo de liberdade, e para todos, o máximo de igualdade de direitos e de oportunidades?

Se desistíssemos dessa *utopia* estaríamos a desistir também das nossas melhores capacidades e qualidades enquanto seres humanos: a **consciência**, moral e racional, do que somos e por outro lado, do que podemos e devemos evoluir como pessoas; e a **generosidade** de quereremos o que é mais digno e justo, não só para nós mesmos, mas também para os outros.

É um facto, que o exercício da democracia direta se tornou impossível para sociedades com milhões de cidadãos ativos, os quais não poderiam reunir-se numa mesma assembleia. Daí ter surgido a democracia representativa. Das monarquias constitucionais europeias, como a da Grã-Bretanha, em que o monarca não tem poder executivo, mas **herda por direito de sucessão** o seu posto de suposta autoridade natural e moral, às democracias semi-constitucionais como a do Liechtenstein, em que o príncipe ainda detém bastante poder executivo, até às democracias liberais, com diferentes sistemas presidencialistas, tudo entra no mesmo “saco” da democracia, como se bastasse um regime não ser dictatorial, para automaticamente, ser uma verdadeira democracia. Para esses países, condicionados pelo princípio capitalista da economia de mercado, o valor prioritário não é a solidariedade mas sim o poder e o lucro. Países como Portugal e a Grécia, têm sentido isso “na pele”, obrigados em situação de fragilidade económica, a pagar pelos empréstimos usurários, juros de milhões de euros aos “países amigos”, poderosos agiotes da comunidade europeia, como a Alemanha.

Países como os EUA, considerado por alguns como um dos mais democráticos e avançados, descrimina desumanamente os mais pobres, sem acesso a um serviço de saúde universal, e as minorias, como se fossem produtos inferiores e descartáveis da sociedade de consumo. Quem assim pensa, confunde o seu poderio económico e militar/ingerente, com uma sociedade justa e emancipada.

Por outro lado, se as revoluções sociais não se fazem só pela mudança da mentalidade de cada um, também não resulta como temos visto, só pela imposição exterior de um partido ou governo, pois isso é a própria contradição do sentido de revolução: não havendo uma ação conjunta, consciente e emancipada de cada um, individualmente e em grupo, trata-se ainda e só, de outra(s) forma de paternalismo versus submissão, ou pelo menos, de seguidismo.

Medirmos o poder das nossas ações, comparando-as com ideais perfeitos e absolutos, é pouco ou nada produtivo, porque é irrealista e paralisante comparar os seres humanos, as sociedades e até a natureza, sempre em movimento e transformação com modelos estáticos, desadequados e por isso estereis.

Mas será impossível criar meios alternativos e efetivos de eleição dos nossos representantes, de forma mais direta, próxima, entre eleito e eleitor, com órgãos democráticos que escrutinem o exercício do poder político- partidário e com capacidade real de exigir aos seus agentes, a responsabilização efetiva pelas suas promessas eleitorais?

O desenvolvimento da cidadania é um caminho praticável. Com mais conhecimento e organização é possível uma ação cívica cada vez mais efetiva e produtiva.

A democracia implica os valores fundamentais da Justiça e da Liberdade, e estes, implicam o da Responsabilidade.

Como cidadãos, moralismos à parte, será que cada um de nós tem uma atitude democrática no seu dia-a-dia, em relação aos que lhe estão próximos, nas pequenas coisas, que por vezes, revelam tanto de nós? Quando nos reunimos com os outros, respeitamos a sua opinião, a sua diferença? Reconhecemos em todos a dimensão **essencial** de pessoa, independentemente, por exemplo, do comportamento, da classe social, da roupa que veste, dos estudos ou do dinheiro que possui?

Quando somos preconceituosos, estamos a agir injustamente, a faltar à nossa responsabilidade e a tirar a liberdade ao Outro.

Pensar a democracia em abstrato não custa, mas tentar vivê-la/praticá-la é difícil!

Quase tão difícil como alcançar a utopia da *verdadeira democracia*, mas vale a pena continuar a tentar.



## Guerra aos olhos de uma criança...

Por: Naná Rebelo



Mãe, para onde vão aqueles senhores todos? Vão com o Pai? E o Pai vai com eles porquê? Mãe?

Filha, aqueles senhores vão para a guerra.

Mas Mãe, qual guerra?

Sabes filha, há uns terroristas onde os senhores vão, que estão a fazer mal às pessoas.

Que são terroristas Mãe?

Ai filha, tantas perguntas... São uns homens maus que por lá estão a fazer coisas más, filha.

E porque é que o Pai também vai??

O Pai tem de ir, é o trabalho dele.

Mas Mãe, o Pai também vai para a guerra??? Mãe?! Mãe!!!

Não filha, o Pai não vai para a guerra, ele só vai no navio, mas não sai de lá.

E as pessoas aqui, porque é que estão todas a chorar e a gritar? O Pai delas também vai?

A minha Mãe agarrou-se a mim, sendo a melhor resposta que encontrou e, talvez, também a melhor forma para que eu parasse com as perguntas.

Calei as perguntas para fora, mas cá dentro continuaram e continuavam sempre até ao regresso do meu Pai, no tal navio. E chorava, juntando-me ao coro de lamentos que não percebia muito bem.

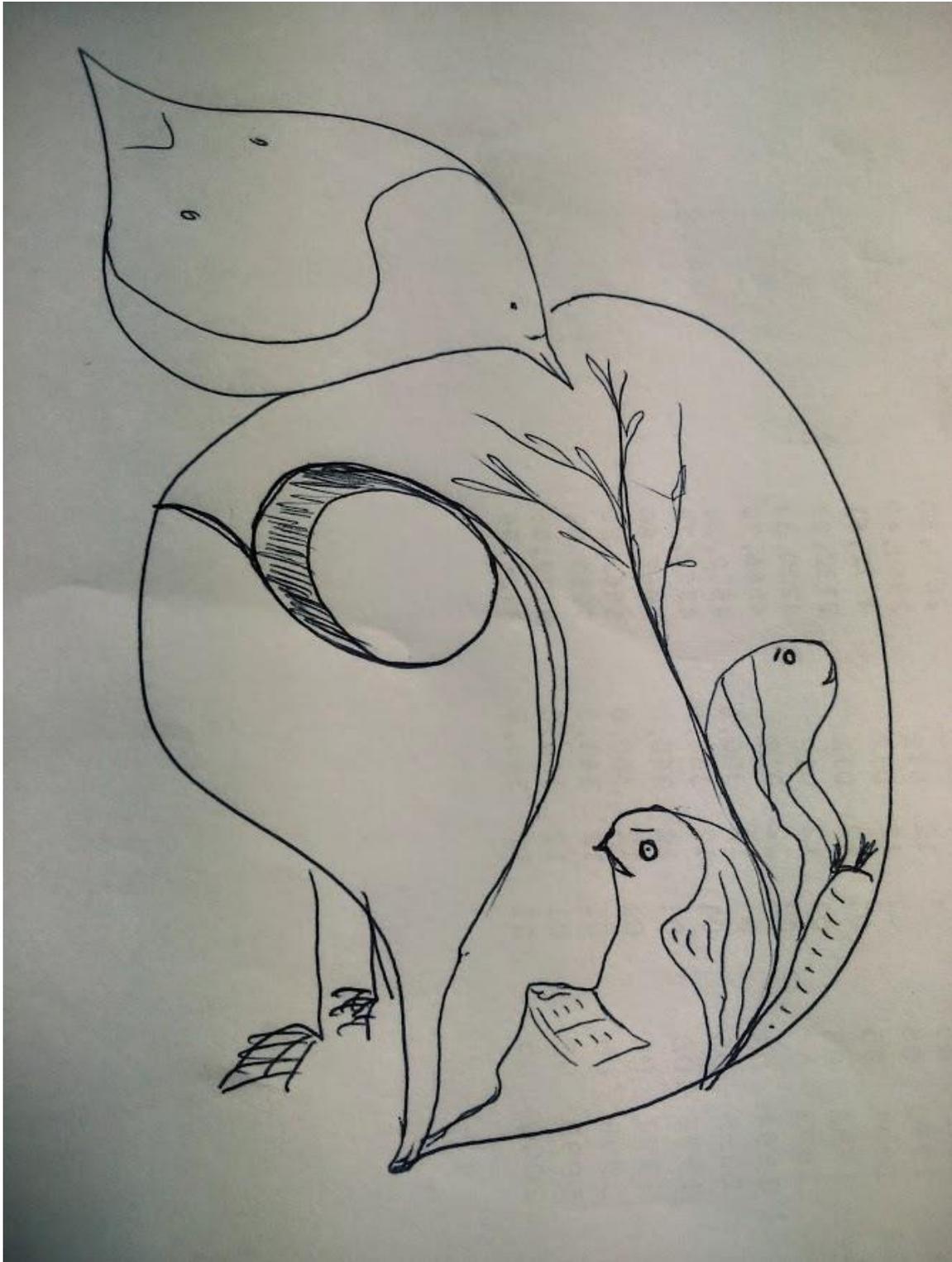
Devia ser isso. O Pai daquelas pessoas também devia ir com o meu.

Mas porquê? O que seriam terroristas?

Fui crescendo e percebendo, a cada viagem do meu Pai, o que era tudo aquilo e fui sabendo que a guerra era uma coisa má, porque a cada volta não vinham todos os que tinham ido.

Ainda hoje, quando vejo um barco a partir os meus olhos não se contêm.

Por: Sandra Alfaiate



A lua vai alta e o céu já escureceu.

Ouvindo uma música de fundo ela fica a contemplar a paisagem.

O espaço verdejante que se encontra em frente à sua casa, o soar das canas da ribeira e o grito das aves que ali habitam é mais forte que a música saída do aparelho electrónico.

A sua melodia é mais autêntica porque se forma naturalmente a partir da própria natureza.

À luz de uma vela perfumada ela consome-se no perfume que se espalha no ar.

Vive apenas aquele momento com a intensidade que o seu pensamento lhe dá.

Vive apenas o momento estonteante do presente, não pensando em mais nada.

Absolutamente nada...

Apenas está presente no momento presente na varanda da sua casa...

Escreve não pensando sequer no texto que está a escrever, apenas escreve o que a sua caneta dita porque a escrita liberta e ela quer descrever a sensação desse momento a passar.

Não pensa no passado nem tão pouco no futuro. Apenas vive aquele instante...

Ao fundo as luzes da cidade clareiam o céu abaixo da lua. Elas são de todas as cores, movimentando-se para lá do verde que se encontra à sua frente.

E apenas vive esse momento...

Mais tarde tem tempo para pensar no que quer fazer da sua vida, no que está certo, no que está errado, nas contas que tem para pagar, no trabalho que tem para fazer, na mãe e no pai que se vão distanciando aos poucos...

No encontro amoroso das horas vagas ou no amor do conto de fadas que a mãe lhe contava em criança...

Nos amores perdidos que não se voltam a encontrar e naqueles que poderiam chegar a ser grandes amores, outrora rejeitados...

No amor-perfeito...

Aquele que promete vir um dia ao seu encontro mas que nunca chega a horas.

Enfim, tudo o que conhece e sabe deixa ficar para mais tarde...

Agora prefere ficar apenas a contemplar o infinito...que é ao fim ao cabo o desencontro com a vida.

16/11/2016

"Sandra Alfiate, 41 anos, natural de Évora, licenciada em Filosofia. Vive e trabalha em Lisboa há 6 anos, na área das prestações da Segurança Social Portuguesa".

# A Sensação da Felicidade

Por: Miguel Pedrozo

Se estar feliz é para quase todas as pessoas, sentir-se feliz, pois quem se diz feliz sente-se feliz, então, estar feliz é, afinal, para quase todas as pessoas sentir uma sensação de “estar feliz”. Assim, será que a informação que obtemos de que estamos felizes e que é transmitida pela sensação de “estarmos felizes”, traduz a realidade sobre o que é realmente a “Felicidade”, será que traduz a realidade sobre o que é realmente sermos felizes? Ou será que a sensação de “estarmos felizes” apenas fornece uma informação ilusória e aparente sobre a real essência da Felicidade, uma informação ilusória e aparente sobre o que é realmente sermos felizes?

Em boa verdade, quase todas as pessoas pensam, legitimamente, que não merecem sentirem-se infelizes, procurando desesperadamente sentirem-se felizes. No entanto, sentir-se feliz, ou querer sentir-se feliz, será conseguir realmente ser feliz? Será que a sensação de “estar feliz”, e como tal, a informação de “estar feliz”, corresponde na verdade àquilo que, independentemente daquela sensação, significa realmente ser “sempre” feliz, e que na sua essência significa realmente Felicidade?



Para o entendimento completo sobre o que quero clarificar, é conveniente sublinhar que a sensação de “estar feliz” ou de “se estar feliz”, apesar de ser uma sensação boa, uma sensação agradável, não é um bom prenúncio, uma vez que devido à impermanência universal de todas as coisas e também de todas as sensações, mais cedo ou mais tarde a sensação deixará de se manifestar, porque desaparecerá, sucedendo-lhe, ou a sensação neutra de “nem estar infeliz” nem de “estar feliz”, ou, sucedendo-lhe a sensação de “estar infeliz”. É de igual modo conveniente sublinhar que, a sensação de “estar infeliz”, apesar de ser uma sensação desagradável, é um bom prenúncio, uma vez que devido à impermanência universal de todas as coisas e também de todas as sensações, mais cedo ou mais tarde, a sensação deixará de se manifestar, porque desaparecerá, sucedendo-lhe ou a sensação neutra de “não estar feliz”, nem de “estar infeliz”, ou sucedendo-lhe a sensação de “estar feliz”.

Então, será a Felicidade e Ser realmente feliz algo extra-sensorial, isto é, algo que não se obtém a partir daquilo que se sente, que está para além daquilo que se sente, que está para além da sensação impermanente e efémera de “ser feliz” ou de “estar feliz”, porque surge mas que desaparece, e que, portanto, sensação de “estar feliz” não significa Ser feliz e que, portanto, sensação de felicidade não é significado de Felicidade, não é Felicidade?

Se for realmente assim ou, sendo realmente assim, em bom rigor ser feliz não significa sentir-se feliz e só possível acreditar ou afirmar que existe um ser humano completamente feliz quando ele, por um lado, nunca mais sentir algum tipo de sensação de “estar infeliz”, mas, por outro lado, quando de igual modo nunca mais sentir algum tipo de sensação de “estar feliz” ou de ser feliz, isto é, quando finalmente nunca mais se sentir ora feliz, ora infeliz, isto é, muito claramente, quando deixar de sentir ou quando deixar de se sentir. Felicidade significa realmente deixar de sentir e deixar de sentir-se (...) e, deixar de sentir e deixar de sentir-se, significa SER realmente feliz (...).

Outubro 2013

## A arte de Pawel Kuczynski

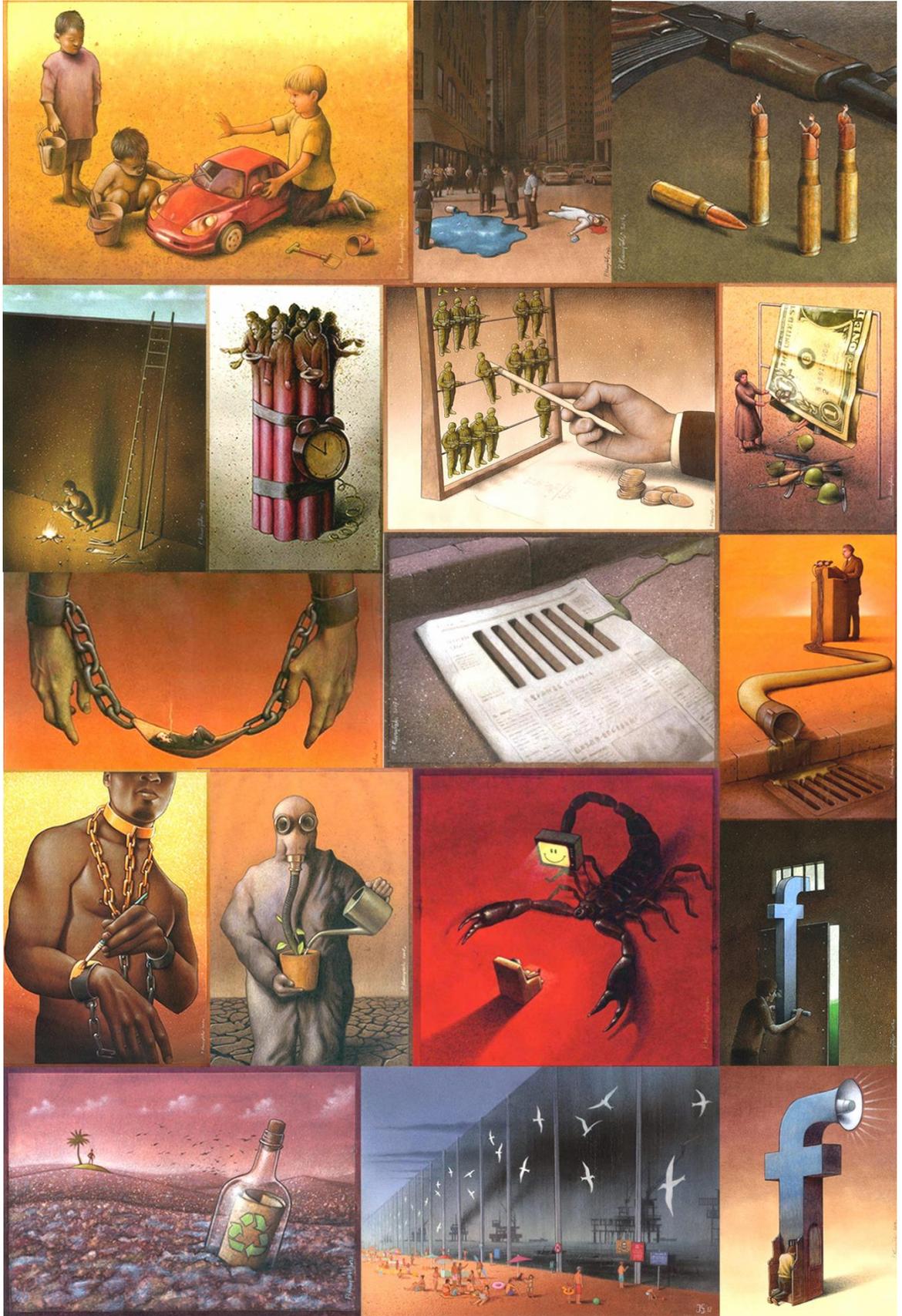
Por: João Pestana

Desde pequeno que sou um admirador do desenho e de como ele pode ser um veículo para, de uma forma simples e até “alegre”, passar as mais dolorosas mensagens e as mais contundentes críticas sociais. Muitos têm sido os grandes cartoonistas que ao longo dos anos podemos ver em jornais, revistas, livros e exposições desde o tempo do nosso Rafael Bordalo Pinheiro; José Vilhena, António, Quino, ... etc.

Há uns anos encontrei numa livraria onde andava a meter o nariz um livro de Pawel Kuczynski, um autor que não conhecia mas que desde logo me chamou a atenção. Nascido na Polónia em 1976, tem ganho centenas de prémios em inúmeras competições internacionais um pouco por todo o mundo, talvez por a temática do seu trabalho ser universal, abordando a desigualdade racial, a guerra, a fome, a poluição, a falta de liberdade entre outros temas, mas que fazem, todos eles, parte do quotidiano da vida de todos nós.

*“A metáfora é uma linguagem universal. Às vezes uma boa metáfora consegue explicar uma ideia melhor que mil palavras. Tento transmitir o que penso sem palavras. É muito difícil mas dá-me grande prazer quando as pessoas interpretam o meu trabalho. Sou também um observador. Gosto de observar as pessoas e as relações que estabelecem entre si. Vivemos há tanto tempo juntos neste mundo e mesmo assim cometemos os mesmos erros: guerra, pobreza, divisões raciais, ecologia, dinheiro – estes são os temas de que gosto porque são tão imortais como a arte.”* Pawel Kuczynski,

Por tudo isto, resolvi iniciar a minha colaboração com os Cadernos Selvagens construindo um mosaico onde procuro mostrar um pouco da sua obra com alguns dos seus trabalhos. Para ver, nalguns casos até sorrir mas para depois ficar a pensar, não só pelo pensar mas porque é urgente mudarmos o paradigma do mundo e de como vivemos e nos comportamos nele.



## Reestruturar a dívida pública nada resolve na nossa vida

Por: Victor Lima

Recentemente, falou-se na Assembleia da República em reestruturação da dívida pública. No habitual discurso tecnocrático sobre o assunto por parte da classe política, tenta-se manter a plebe ensopada em refrescos gelados carregados de açúcar. Uns defendem o “pagamos obedientemente”; outros preferem um “pagamos obedientemente mas agradecemos uma atençãozinha”

Façamos um simples exercício:

1. Ao que parece, em Bruxelas congemina-se algo no sentido de aliviar a carga da dívida, embora apenas possam ter margem de manobra sobre as instituições credoras da UE, (FEEF e MEEF), cujas dívidas são respectivamente de € 27328 M e 24300 M e cujos reembolsos se iniciarão em 2025 e 2026. E não sabemos se o FMI, com um crédito de € 18480 M, com pagamentos a partir de 2018, estará incluído nessas conversações.
2. Para uma dívida pública portuguesa de € 240000 M (Setembro) aqueles credores institucionais da UE representam apenas 21.7% do total. E será compaginável que os outros titulares daquela dívida pública – sistema financeiro e particulares – também participem no bodo aos pobres?
3. Se existir um tal alívio vindo de Bruxelas/Frankfurt – previamente abençoado pelo Schauble, claro está – digamos de 1%, isso representaria, no próximo ano, uma redução dos encargos com a dívida de € 516 M. Para valores de 2016, os encargos totais com a dívida pública passariam dos atuais € 800 por habitante para € 748, o que nada altera ao problema de fundo; a escravidão pela dívida.
4. A concretizar-se esse alívio, ele poderá significar uma tentativa de reduzir o impacto das subidas das taxas de juro se Draghi acabar com o quantitative easing, em Março

próximo. Recorde-se que nos EUA fala-se na subida de taxas de juro, para breve, decretada pelo FED.

5. Em 2005 os encargos com a dívida pública representavam 2.5% do PIB e, em 2011 com a intervenção da troika passaram a 3.4% (a factura de juros aumentou e o rendimento global baixou). Nos anos seguintes, incluindo 2016, o custo dos encargos com a dívida tem variado entre 4.3 e 4.7% do PIB.

6. Se de Bruxelas/Frankfurt viesse uma benesse da ordem dos € 516 M a menos nos encargos com a dívida, o valor total daqueles, com dados de 2016 passaria a 4.25% do PIB.

7. Alguns pensarão que isto ajuda. Desenganem-se. A dívida desde 2010 cresceu cerca de € 14700 M por ano enquanto o divino PIB aumentou anualmente € 2317 M; e é fácil pensar que pagar juros e amortizar capital NÃO É POSSÍVEL. Nos últimos anos, a dívida vencida e paga é substituída por nova dívida, não havendo qualquer redução, como se mostrou atrás. A Grécia oferece um exemplo dramático do que significa a subordinação imposta pelo capital global e as suas instituições, Comissão Europeia, BCE, Eurogrupo, FMI; tudo em nome de uma dívida que, mesmo absolutamente impagável, se continua a considerar que o será.

8. A dívida é uma armadilha que o sistema financeiro mantém para constituir rendimentos permanentes a seu favor, para capturar parte crescente dos nossos rendimentos presentes e futuros. E as classes políticas trabalham a seu favor quando pretendem convencer as pessoas consideração de que a questão da dívida é um assunto económico e que a trama montada pelo sistema financeiro a nível global é porque “gastámos além das nossas capacidades”. E as classes políticas trabalham a seu favor pois enquanto os povos aceitarem ser burlados, elas vão vivendo bastante bem, com as suas mordomias e os seus negócios corruptos.

9. A dívida imposta pelo sistema financeiro e pelos seus funcionários da classe política É ILEGÍTIMA, não tem de ser paga. NÃO HÁ UMA SOLUÇÃO DE CARIZ ECONOMICISTA PARA O PROBLEMA, APENAS UMA SOLUÇÃO

POLÍTICA. O sistema financeiro global tem de encolher ou desaparecer na sua actual configuração arcando com os prejuízos nos seus balanços, para que os povos possam viver sem o torniquete da dívida, pessoal e a dita pública, que lhes é imputada pelas classes políticas, através de cortes em direitos e impostos.

10. Sendo o sistema financeiro global e o problema da dívida também global, **NÃO HÁ SOLUÇÕES NACIONAIS**, sobretudo em países pequenos e médios, sem qualquer soberania. Todos os que não relevam a questão da armadilha da dívida; todos os que se preocupam mais com a moeda, defendendo encerramentos nacionalistas, constituem reedições do fascismo e do nazismo que conhecemos nos anos 30 do século passado.

5 Novembro 2016



## Ciberguerra: Quem a faz e quem a sofre

por Manuel Banet



Nas sociedades ditas «avançadas», o sistema produtivo está muito dependente de redes digitais para o seu funcionamento quotidiano.

Estas redes, embora possuam mecanismos próprios de defesa contra intrusos, não são à prova de «hackers», que - mediante instrumentos digitais específicos - conseguem torneir ou descriptar muitas das «paredes anti-roubo» ou «firewalls» presentes nos sistemas informáticos de grandes bancos, agências de segurança e espionagem, doutras instâncias do governo ou de grandes corporações.

Quaisquer que sejam os objectivos, quer seja roubo de dinheiro electrónico, espionagem, ou revelar segredos, estes sistemas informáticos são o alvo preferido para a ciberguerra.

Os anúncios de iminentes ataques por parte de países como a China, a Rússia, a Coreia do Norte, etc., não nos devem porém impressionar, senão como mais uma arma de propaganda dos «nossos» governos para nos aterrorizar.

Quando lançam estas campanhas de alarmismo, para espalhar o medo, estão provavelmente a preparar -eles próprios - algum ataque de falsa bandeira, ou seja, algo feito pelos seus próprios serviços e atribuído a um inimigo, que estaria por detrás de tal atentado.

Porém, os peritos em redes de informática sabem que detetar a origem de um ataque informático é tarefa extremamente difícil, pois os que levam a cabo tais ataques sabem proteger-se, «ressaltando» de servidor em servidor através de todo o mundo: Aliás, é assim que a www (world wide web) é constituída, não o esqueçamos.

Quando nos dizem que tal ou tal ataque foi perpetrado por «hackers» russos ou chineses, etc., apenas horas ou mesmo minutos depois de terem sido constatados, a nossa reação deve ser de incredulidade pois, de facto, não há maneira de se saber, em espaço de tempo tão curto, onde determinado ataque teve origem. Não se consegue quase nunca traçar o seu rasto e muito menos descobrir ao certo quem encomendou tal ataque.

Desde há uma década - mais ou menos - tem havido um crescente número de ataques informáticos, os quais são invariavelmente atribuídos aos «maus» (Al Quáida, Norte Coreanos, Iranianos, etc., etc.).

Porém, é evidente que nada está mais longe do escrutínio da cidadania comum do que a inspeção das redes informáticas e das suas seguranças, pelo que não se podem nunca esperar provas das afirmações dos agentes governamentais: eis um conveniente meio de chantagem e difusão de paranóias, de psicose coletiva, que prepara o terreno para guerra «a quente»!

Sabe-se que a produção de «vírus informáticos», de «cavalos de Tróia» etc., é uma indústria lucrativa, na precisa medida em que permite a pequenas e grandes empresas informáticas vender seus kits anti-vírus às dezenas de milhões pelo mundo fora, ou de os agregar ao seu software.

Não admira que alguns criminosos, peritos em Internet, usem para seus próprios fins tais possibilidades, havendo nas grandes organizações uma segurança reforçada nas contas bancárias dos seus clientes, constantemente sob ameaça de piratagem, com o objetivo de sugar milhões dos seus clientes.

Um caso recente foi o do banco TESCO (o banco que apoia a maior cadeia de supermercados britânica): envolveu muitos milhares de clientes, sendo retiradas somas

pequenas de cada conta à ordem, simultaneamente. O banco em causa tranquilizou os clientes de que estes roubos estariam cobertos.

Porém, tais píratagens ocorrem muitas vezes sem se saber nada, sem que transpareçam as notícias para a média. Penso que muitas perdas não declaradas dos bancos e outras instituições são devidas a estas píratagens, mas que preferem guardar silêncio a ver o seu prestígio afetado e causarem uma fuga dos seus depositantes amedrontados.

A razão principal destas fragilidades nas redes informáticas decorre duma exigência concreta do governo dos EUA, para viabilizar a tarefa da NSA e das restantes instituições de vigilância em massa. Como bem demonstrou Snowden, essas agências exigem aos fornecedores de internet e aos construtores de hardware que deixem uma «porta das traseiras» nos sistemas operativos e nos aparelhos (computadores, telefones, etc.) dos seus utilizadores. Assim, poderão espiar toda a gente, armazenando os dados em bruto.

Estes processos que ocorrem realmente neste Reino do Big Brother foram denunciados por Edward Snowden, Julius Assange e muitos outros. Ninguém, hoje em dia, contesta a sua realidade e gravidade.

Apenas quero fazer notar que os prejuízos globais - não apenas morais, como materiais - que a sociedade tem de arcar são enormes, pois o custo de prevenir e remediar estes ataques informáticos são pesados, seja qual for a origem deles.

Mas estes ataques são possíveis, ou mais fáceis, porque as empresas de software, as fornecedoras de internet e as construtoras de equipamento informático são obrigadas a manter essas tais «portas das traseiras». Não apenas servem elas para intrusão dos serviços da NSA, mas igualmente às potências estrangeiras, aos grupos terroristas e aos ladrões informáticos.

Assim, a ciberguerra está a vigorar em pleno. Não há declaração de guerra formal, como aliás não houve em qualquer guerra do século XXI.

A potência agressora pode manter a sua cobertura, no caso destas formas de guerra, espúrias e ocultas, que se conjugam com a guerra de informação, a guerra económica e a guerra de propaganda.

- As guerras de propaganda travam-se no terreno dos media e são cada vez mais dependentes da Internet.

- As guerras económicas, com sanções e bloqueios, que são - em si mesmas - formas de guerra, podem causar muitas centenas de milhares de vítimas, as quais são inocentes civis, de forma tão eficaz como a guerra «a quente». Nesse caso, os agressores costumam usar falsas justificações, recorrendo à retórica dos direitos humanos e pintando o perigo onde ele não existe.

- A guerra informática ou ciberguerra é uma outra forma de guerra assimétrica, tal como são as guerras, económica e de propaganda. Ela permite aterrorizar a cidadania com ataques de falsa bandeira, pois as origens dos ataques sendo impossíveis de verificar, é apenas por uma «fé» na palavra do governo que as pessoas acreditam nas narrativas oficiais.

Enfim, a ciberguerra tem como alvo principal a população, refém dos governos, predadores e não protetores dos direitos e das vidas dos seus próprios cidadãos.



## SARAPINTAR - Poeira Gráfica:

Por: Sara Pestana

O meu nome é Sara Montez Pestana. Tenho 20 anos.

Gostava de mostrar o meu trabalho até agora.

Metamorfose!

Símbiose!

Expressão!

"Não se trata só de pintura! É um movimento e a pintura é apenas o vestígio desse movimento."

"É uma forma abstracta de se estar! É a experiência! ... é adoptar uma postura de quem avança e procura.. e não sabendo o que procura... avança pelos mil caminhos como se fossem um. é dar uma oportunidade às coisas uma e outra vez... porque tudo é novo a cada instante que passa é explorar.. e explorar é experimentar e encontrar na física com que tinta derramada cai a perfeição que não sabia que procurava."









Os locais onde já expus alguns dos meus trabalhos foram:

- Escola Secundária Professor José Augusto Lucas, que frequentei durante alguns anos.
- Participei num projecto do CCLAV (Centro comunitário de Linda a Velha), que consistia em decorar uma estação de autocarro.
- ADAO (Associação de desenvolvimento de artes e ofícios) por duas vezes.
- Em Santos, no restaurante Il Covo, realizei uma exposição conjunta com o Paulo Rouxinol.
- Eka Palace, em Xabregas, voltei a expor com o Paulo Rouxinol.
- Fábrica de Alternativas.
- Exposição na Restart.
- Voltei a expor no Eka Palace mais recentemente.

Estes são os endereços onde é possível visualizar quase todas as obras:

- [www.facebook.com/pg/drawingsofsara](https://www.facebook.com/pg/drawingsofsara)
- <http://sunriseonsaturnspace-hereandnow.tumblr.com>

## Colectivos, associações e outros espaços

Por: Paula Montez

«Together we stand, divided we fall» (Pink Floyd)

Já há uns anos atrás, quando começou a aflorar às ruas uma certa contestação fora da organização partidária e os movimentos sociais eclodiram, aquando da Acampada do Rossio e do Occupy São Bento, sempre que as condições atmosféricas não facilitavam a vida das assembleias de rua, dava por mim a pensar que seria bom “ocupar” associações, colectividades, grupos desportivos e todo o tipo de colectivos que ainda se encontravam em funcionamento, apesar de visivelmente desvitalizados. Embora alguma coisa tenha realmente acontecido nesse sentido, em locais como por exemplo Os Amigos do Minho e mais um caso ou outro que abriu as portas a reuniões, assembleias e convívios, na verdade o que viria a acontecer foi que as pessoas se foram organizando em grupos de afinidade e abrindo elas próprias novos espaços.



Desde a saudosa Severa, onde se faziam as Feiras do Livro Anarquista, passando pelo Regueirão dos Anjos (RDA69), com vários colectivos a funcionar dentro de um mesmo espaço (Cicloficina, Colectivo 10101010, etc.), até aos mais diversos tipos de espaço, pode-se considerar que desde 2010 até aos dias de hoje houve um verdadeiro boom de novos espaços com uma filosofia muito própria de autogestão e de auto-organização, que vinha precisamente dar sequência à anterior movimentação da rua. Hoje em dia são inúmeras as associações e colectivos entretanto criados que foram sendo abertos. No entanto é mais fácil abrir um espaço do que mantê-lo vivo. E o que acontece as mais das vezes é que esses espaços, ainda que dinâmicos, tendem a fechar-se sobre si próprios e a criarem os seus próprios eventos. Embora muitas vezes as pessoas que por eles circulam serem as mesmas, não existe ainda uma ligação forte de partilha e cooperação entre eles. O que poderá, caso não venha a acontecer, fazer com que em vez de funcionarem em rede, acertando datas e fazendo agendas comuns – em tempos pessoas bem-intencionadas tentaram criar uma agenda comum online – esses espaços mais fechados sobre si próprios possam vir a não vingarem por excesso de oferta.

Os colectivos e associações teriam, quanto a mim, tudo a ganhar em juntar esforços e em se articularem em acções comuns e previamente acertadas, de modo a que não acontecessem sobreposições de eventos que interessam a todos os que os frequentam; ou então, pelo contrário, não se passar nada em nenhum deles no mesmo dia, por mera falta de articulação.

É importante e principalmente urgente que estes vários espaços se articulem e possam juntos vir a construir uma rede forte de entajuda e partilha. Julgo que terão mais gente, maior visibilidade e êxito os que o conseguirem; enquanto que, os que insistem em se fechar sobre si próprios correm o risco de cristalizar e deixar de ser espaços dinâmicos de partilha de novas experiências, porque estarão mais preocupados em se resguardar, fechando portas em vez de as abrir.

## “DIAS”:

Cónica de André Clemente

“Boa tarde vizinho, e boas festas. ”, cordializa-me a vizinha que apenas se me dirige de onze em onze meses ...

“Boas festas para si vizinha e , por favor , faça-me- nos o favor de apanhar os cagalhões do seu canito , porque estou/estamos fartinhos de não pudermos usufruir desatentamente das ruas da nossa Vila . ”

“ Pois , bem que já me tinham avisado que você é assim ; um bruto, um mal educado ...

Já estou arrependida de o ter cumprimentado, você é um terrorista urbano! ”

“ Terrorista urbano, eu?! Na pior das hipóteses sou um professor de civismo, um cidadão demasiado preocupado, um amante de Algés. ”

### Terrorismo Urbano é:

Você deixar todo o santo dia dois pedaços de merda do seu cão às nossas portas!

Os selvagens que estacionam tão fora do asfalto que nos impedem de entrar ou sair das nossas casas! (nem consigo imaginar o que lhes faria com um carrinho de bebé, uma cadeira de rodas, ou uma maca nas mãos)

Os pseudo DJ's dos Iphones que nos impedem de ouvir as ruas, os jardins e até os verbos que tentamos trocar à mesa de qualquer tasca! (e que belo era o som de Algés...)

Os beatistas , mijadores e escarradores de calçada .

Os que grelham sem qualquer respeito, ou aviso pelas roupas estendidas .

Os suínos que não percorrem cinco metros para depositar os seus lixos caseiros nos respectivos contentores.

“... Pois, mas a Junta de Freguesia deixou de repor as saquetas nos caixotes, e

assim uma pessoa não pode apanhar os cocós dos animais para os colocar no lixo.”

“ É para si, está fora de questão passar numa das dezenas de prolíferas lojas asiáticas que exterminaram o comércio local made in Pt , e gastar um euro em mini-sacos para detritos sólidos ... ? ”

Se cada um de nós fizer o seu tanto, podemos recuperar o que vivemos. Se não por nós, pelos que se nos seguem.

...

“ Boa tarde vizinho, e boas festas. ”, recorda-se-me a vizinha , pela segunda vez em onze meses .

“ Você é um bruto, mas rendo-me à sua educação. ”

“ Obrigado vizinha, e um grande bem-haja pela saqueta que traz na mão. Inté ao próximo Natal. ”





Próximo número dos Cadernos Selvagens

Março de 2017

Quem desejar participar, publicando os seus textos ou imagens deve enviar os mesmos até final do mês de Fevereiro para o mail:

[Fabrica.de.alternativas@gmail.com](mailto:Fabrica.de.alternativas@gmail.com)

Os textos serão publicados pela ordem de recepção.

